

HÁ ESPAÇO PARA PARRESÍA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR? ENSAIO SOBRE OS MODOS DE VERIDICÇÃO NAS PRÁTICAS DE OUVIR/FALAR/FAZER

Gilson Santos Rodrigues¹

Marcos Roberto So²

Resumo: Dispondo do aporte foucaultiano, este ensaio analisa nas práticas de ouvir/falar/fazer no espaço-tempo das aulas de Educação Física, as possibilidades para um dizer-a-verdade que possa se assemelhar às nuances da *parresía* apresenta em “A coragem da verdade: o Governo de Si e dos Outros II”. No percurso metodológico, lemos os planos de aula de dois docentes, caracterizamos as práticas e confrontamos a obra de Foucault para alicerçar as interpretações. Assim, as rodas de conversas e os exercícios corporais são um dizer-a-verdade atrelada à *teknê*, embora haja chances para a *parresía* política. O lúdico emerge como potência para a *parresía* socrática, porém, a coragem da verdade não reduz o controle panóptico escolar. Por fim, é na potência heterotópica de uma Educação Física que vá além do “saber-fazer” que aventamos este ensaio.

Palavras-chave: Foucault; Parresía; Educação Física Escolar; Lúdico.

IS PARRESIA POSSIBLE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES? AN ESSAY ABOUT VERIDICATION WAYS IN PRACTICES OF LISTENING/SPEAKING/DOING

Abstract: Based on Foucault's contribution, this essay analyses in practices of listening/speaking/doing in Physical Education classes, the possibilities for truth-telling that can resemble the nuances of *parresia* presented in “The courage of truth: the Government of Self and Other II”. In method, we read lesson plans of two teachers, characterize the practices and confront Foucault's work to support interpretations. Results indicates chatting circle and physical exercises are a tell-the-truth associated with *teknê*, although there are possibilities for political *parresia*. The ludic emerges as a potency for Socratic *parresia*, however, the courage of the truth does not reduce the school's panoptic control. Last but not least, it is in the heterotopic potency of Physical education that goes beyond the “know-how” that we expose in this essay.

Keywords: Foucault; Parresia; Physical Education; Play.

¹ Doutorando na área de concentração Educação Física e Sociedade na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Bacharel, Licenciado e Mestre em Educação Física (FEF/UNICAMP). E-mail: gio.sts.rodrigues@hotmail.com.

² Doutorando na área de concentração Educação Física e Sociedade na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Educação (PPGE/UNESP) e docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), Campus Muzambinho, Minas Gerais, Brasil. E-mail: marcos.so@ifsuldeminas.edu.br. Este autor demonstra agradecimento especial ao IFSULDEMINAS por fornecer condições e incentivos de qualificação para o desenvolvimento deste manuscrito.

Introdução

Michel Foucault é um dos intelectuais mais importantes da segunda metade do século XX. O arcabouço teórico-metodológico expresso nas obras do autor francês tem contribuído com estudos em diversas áreas, haja vista a leitura acurada, dinâmica e, pode-se dizer, visceral da realidade social (RAGO; VEIGA-NETO, 2008). A obra desse erudito pensador é extensa e complexa, não obstante, convive com tensos e intensos debates. Ademais, Foucault foi, atrevemo-nos a dizer, um “pensador pop” na medida em que se utilizou dos meios de comunicação (*mass media*) para difundir suas ideias. A morte de Foucault, em 1984, não deu fim à publicização de suas ideias, pois textos inéditos derivados de suas aulas, cursos, palestras, entrevistas etc., passaram a ser publicadas após a morte de Michel Foucault (CASTRO, 2015).

Em seus últimos trabalhos e cursos oferecidos no *Collège de France*, Foucault estava com atenção voltada para as questões éticas que na perspectiva foucaultiana, refere-se às questões da subjetivação e relação entre discurso e verdade (CASTRO, 2015). Em seus três últimos cursos na renomada instituição francesa (1982, 1983 e 1984)³, Foucault destaca o seu encontro e interesse pela noção de *parresía* que se trata de uma das formas veridicção (dizer-a-verdade) dos gregos na Antiguidade. Essa fala-franca ou dizer-a-verdade, segundo Foucault, era uma prática atrelada ao cuidado de Si (*Epimeleia Heautou*), logo, era uma prática imbricada numa relação ética. No presente ensaio, nos detemos à obra derivada do curso de 1984, publicada em francês como *Le courage de la vérité: gouvernement de soi et des autres II* e traduzida como “A coragem da verdade: o Governo de Si e dos Outros II” (FOUCAULT, 2011).

Dispondo da fortuna crítica que representa a leitura da supracitada obra,

³ O primeiro desses cursos foi oferecido em 1982 e publicado como “A hermenêutica do sujeito” (FOUCAULT, 2006); o segundo é de 1983 e se tornou público como “O Governo de Si e dos Outros” (FOUCAULT, 2010); e o último curso realizado em 1984 e teve o título de “A coragem da verdade: o Governo de Si e dos Outros II” (FOUCAULT, 2011). Ver: FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no *Collège de France* (1981-1982). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006, e; FOUCAULT, M. **O governo de si e dos outros**: curso no *Collège de France* (1982-1983). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

arquitetamos uma reflexão sobre as possibilidades do falar-franco, do dizer-a-verdade, nas aulas de Educação Física no contexto escolar. A Educação Física escolar, após passar por intensos debates de identidade epistemológica, legitimidade social e de intervenção social e pedagógica, vem se constituindo como um componente curricular embasado numa perspectiva culturalista (embora não seja unânime) e na distinção entre os saberes e práticas da denominada cultura corporal⁴. Diante disso, algumas didáticas estão sendo engendradas no seio dessa disciplina escolar e elas têm dado vazão para determinadas práticas de ouvir/falar/fazer (roda de conversa, jogar livre etc.).

À vista disso, a questão que orienta este ensaio teórico é: há espaços para o modo de veridicção da *parresía* como “arte de si” aventada por Michel Foucault em “A coragem da verdade”, no espaço-tempo circunscrito às aulas de Educação Física escolar? Diante disso, o objetivo é analisar se as práticas de ouvir/falar/fazer no espaço-tempo das aulas de Educação Física e as possibilidades para um dizer-a-verdade se assemelham às nuances da noção de *parresía* apresentada por Michel Foucault em “A coragem da verdade: o Governo de Si e dos Outros II”. Especificamente, o intuito aqui é caracterizar as práticas de ouvir/falar/fazer nas aulas desse componente curricular e, posteriormente, analisá-las à luz das ideias de *parresía* apresentadas em “A coragem da verdade”.

A relevância desse ensaio está na possibilidade de incitar uma perspectiva de Educação Física escolar que vá além do “saber-fazer” – embora, não a desconsidere – e alcance as potências do “saber sobre” e do “saber ser”. Para enfrentar a questão anteriormente anunciada, o percurso metodológico principiou pela leitura dos planos de aula (já executados) de dois professores de Educação Física e caracterização das práticas de ouvir/falar/fazer contidas nesses planos. Em seguida retomamos a obra “A coragem da verdade: o Governo de Si e dos Outros II” e destacamos as várias nuances da *parresía* apresentadas na obra por Foucault. A etapa seguinte foi evidenciar as ideias ou noções que permitem a aproximação e o distanciamento entre ambas as práticas analisadas. Por fim, arquitetamos as reflexões deste ensaio

⁴ A perspectiva cultural da área da Educação Física não logra um consenso sobre a terminologia adequada para definir o objeto pedagógico da área. Assim, há quem fale da cultura corporal, da cultura de movimento ou ainda da cultura corporal de movimento. Ver: Daolio (2010).

alicerçadas nesses elementos de aproximação e distanciamento da prática *parresíastica* com as práticas de ouvir/falar/fazer nas aulas de Educação Física.

De mais a mais, visando ambientar o contexto das reflexões o presente ensaio é organizado da seguinte forma. Primeiramente, apresentamos as nuances da noção de *parresía* contida em “A coragem da verdade: o Governo de Si e dos Outros II” de Foucault. Em seguida, explicitamos o contexto da Educação Física escolar enquanto área de conhecimento e disciplina escolar na qual as práticas de ouvir/falar/fazer estão ancoradas. Na terceira sessão apresentando três práticas de ouvir/falar/fazer na qual as análises conduzidas neste ensaio foram empreendidas.

A coragem da verdade: nuances da *parresía*

No presente trabalho estamos nos atendo à noção de *parresía* contida na obra “A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II” de Foucault (2011). A obra é uma transcrição das aulas que o intelectual francês proferiu no *Collège de France* num curso oferecido em 1984. Este foi o último curso ministrado por Foucault no *Collège* e, de certo modo, tem um tom de “fechamento de ciclo” sobre o tema da *parresía*. Essa temática já fazia parte de outros dois cursos proferidos por Foucault no *Collège de France*, contudo, é em “A coragem da verdade” que o autor vai se dedicar efetivamente na questão da *parresía* após revisar os cursos anteriores.

Numa visão geral, no curso de 1984, Foucault retorna ao tema da *parresía* a partir de fontes tratadas em cursos anteriores. O trunfo dessas retomadas coloca o estudo da *parresía* perspectivada na longa-duração, dispondo até mesmo de obras clássicas como os textos platônicos e de textos menos gabaritados como os de Diógenes Laércio⁵. Em síntese, Foucault apresenta a *parresía* como uma noção que emerge no campo político (da *pólis*) passa pela perspectiva da ética socrática (*ethos*), logra um período áureo com os Cínicos (“escola Cínica”) e que devido aos princípios da própria filosofia cínica vai sendo transmutada e ganha novos contornos pelos estoicos e cristãos. Embora a *parresía* não desapareça por completo na história do pensamento ocidental, ela foi sendo mudada, transformada, reapropriada etc., e, com

⁵ Diógenes Laércio (180-240) foi historiador, biógrafo é conhecido, sobretudo, pela obra “Vidas e Doutrinas dos filósofos ilustres” (tradução em português do original em grego). A obra supracitada foi escrita na metade do século III d.C. e trata-se de uma biografia de vários filósofos gregos.

isso, as características que a definiam naquele momento foi se perdendo até não ser mais reconhecida hoje.

Na obra, Foucault anuncia que o termo *parresía* é recorrente nos textos antigos, porém não se designa como um objeto epistêmico, já que a referida palavra assume diversos contornos ao longo do tempo; ora, com permanências, mas também com rupturas e ressignificações. Primeiramente, a *parresía* aparece num texto de Eurípedes cuja conotação é o do direito à fala perante a Assembleia. Vale ressaltar que apenas cidadãos tinham o direito de fala, portanto, o direito de fazer *parresía*. Quanto a isso, a noção de cidadão era demasiadamente restrita na Grécia antiga, pois por cidadão depreendia-se o indivíduo nascido na Grécia (nascido em Atenas, nesse caso), adulto, homem e não escravo. Nesse sentido, essa primeira conotação da *parresía* está atrelada à coragem de dizer-a-verdade como um direito de todo aquele que nasceu na *pólis*, portanto, um grego em posse de alguns atributos específicos como origem social, sexo e idade.

Valendo-se da Aleturgia (método), Foucault afirma que a *parresía* não é o único modo de veridicção na Antiguidade. É precípuo mencionar que o tema da veridicção é de interesse de Foucault, pois a “verdade” representa a principal forma pela qual os homens (humanos) “escolheram” governar a Si mesmos e aos Outros. Diante disso, ao delinear a *parresía*, o autor distingue outros três modos de dizer-a-verdade.

O primeiro modo de dizer-a-verdade é a sabedoria, atrelada à prática da fala franca do sábio, tendo como exemplo Heráclito. Outro modo de dizer-a-verdade é a profecia que está concatenada à prática da fala franca enunciada pelos oráculos, talvez o mais famoso deles seja o Oráculo de Delfos. O terceiro modo de veridicção é a “pedagogia” – esse termo, nesse contexto está atrelado ao signo da *teknê* e à prática do dizer-a-verdade dos “pedagogos”, que não tem o mesmo significado adotado hoje –. Assim, as formas de manifestação de verdade (não as condições de anúncio de “uma” verdade) é o foco de Foucault, dado que tais manifestações estão imbricadas nos modos de constituição do sujeito (subjativação ou técnicas de si).

No curso de 1984, uma grande atenção é dedicada a Sócrates, que é visto como o primeiro filósofo. A partir dos textos platônicos aludidos a Sócrates, Foucault vai arquitetando outra faceta da *parresía* diferente daquela encontrada no texto de

Eurípedes. Na passagem pelos textos platônicos, o intelectual francês assinala que Sócrates rompe com a perspectiva do dizer-a-verdade no campo da política e inaugura em seu lugar a *parresía* no campo da ética (*ethos*). Sócrates, argumenta Foucault, é quem se cala diante da Assembleia para deixar como legado aos gregos o dizer-a-verdade de si (busca, exame ou prova das almas) como o cuidado de Si dos outros (seus discípulos). Resumidamente, o filósofo ateniense oferece com a sua morte um legado (saber) para os atenienses e esse legado é o cuidar de si mesmos, pois ele, Sócrates, não mais poderia fazê-lo.

Segundo essa interpretação, Sócrates é, antes de tudo, um cidadão e suas ações são eminentemente políticas, ou seja, em prol da *pólis* (cidade). À vista disso, aquilo que ele anuncia com sua morte é a descrença na *parresía* política e a necessidade de uma *parresía* ética (nas condutas) cuja finalidade é, ainda, a manutenção da *pólis*. Em suma, Sócrates inaugura uma *parresía* ética com elementos da *parresía* política, pois sua preocupação ainda é com constituição da *pólis* ateniense.

O legado de Sócrates, assinala Foucault, engendrou dois caminhos filosóficos distintos. Um primeiro itinerário orienta a *parresía* ao cuidado de Si (*Epimeleia Heatou*) atrelada ao cuidado da alma (*psykhé*). E o segundo itinerário conduz a *parresía* como um cuidado de Si vinculada à perspectiva do cuidado da vida (*bios*). Contudo, argumenta o pensador francês, em Sócrates o cuidado da alma (*psykhé*) e da vida (*bios*), ainda não estão, em definitivo, cindidas. Segundo o autor francês, são as tradições filosóficas que decorrem daí que assim procedem levando, por um lado, à Metafísica da alma e por outro à estilística da vida ou estética da existência.

Embasado na noção nietzscheana da “arte de si”, Foucault prossegue sua análise da *parresía* até os Cínicos (“escola” filosófica). Na ótica foucaultiana, com eles há um momento áureo da *parresía* como ética do cuidado de Si. A figura emblemática da *parresía* cínica é Diógenes de Sínope. Na fala franca de Diógenes, o cínico, há o falar-belo (beleza da existência), o dizer-a-verdade sem medo e sem juízos de valor. Além disso, a *parresía* cínica está em total coerência com o modo de vida (*bios*) e é esse aspecto que mais chama a atenção de Foucault.

Numa descrição do modo de viver dos cínicos, o pensador francês destaca que



na vida cínica há uma homofonia entre falar e fazer (vida simples); a ausência de vínculos institucionais e afetivos (vínculo com o gênero humano); o desapego pelos utensílios, materiais, vestes etc.; e, a redução da vida ao mínimo para sobreviver (ascetismo à natureza). Contudo, tal qualidade mendicante não era apenas um capricho ou um estilo de vida alternativo, mais do que isso, representava uma condição essencial para o exercício da *parresía*. Em outros termos, é tão-somente o desapego das coisas materiais e dos vínculos afetivos que permitiria aos cínicos o dizer-a-verdade autêntico, já que na ausência de posses, não haveria o que perder ou defender. Em síntese, a *parresía* cínica é antes de tudo um modo de dizer-a-verdade que transparece no próprio modo de viver, é um escândalo da verdade.

Em outras palavras, o cínico é a imagem de quem vive a *parresía* encarnada e a mostra. A descrição de Diógenes de Sínope, o cínico, é a de quem manifesta a sua verdade nos gestos, nas vestes, nos atos etc. Essas características da vida cínica é, segundo Foucault, o que explica a dificuldade de se obter fontes sobre os cínicos, haja vista nada escreverem para a posteridade. Sua filosofia, o Cinismo, consistia na vida vivida, portanto, é a *parresía* levada ao extremo. Pode-se afirmar, talvez, que o cinismo é a prática da vida verdadeira, é a filosofia em prática ou a vida filosófica por excelência. Embora esse entusiasmo com a conotação da *parresía* cínica, Foucault avança em sua análise e vai mostrando como a ela vai assumindo outras formas em outras práticas.

Em vista do exposto, ao dispor e analisar outras fontes para variar a *parresía*, Foucault mostra que ao ser enunciada, a *parresía* vai tomando significados que ora se aproximam ora se distanciam de outras filosofias, em especial, ao epicurismo, ao estoicismo e ao platonismo. O modo de viver dos cínicos muitas vezes é descrito por Foucault como atitude cínica. Essa atitude é articulada com outras imagens como a de uma filosofia como armadura para a vida, ocupação de si mesmo ou o estudo útil (para a existência) ou ainda como a transvaloração dos valores à vida em comunhão com a Natureza. Em suma, Foucault mostra como a *parresía* vista na perspectiva da longa-duração, foi se modificando, ganhando outros sentidos e significados em meio a outras filosofias (Estoicismo; Epicurismo etc.), até que na tradição cristã ganha contornos que a afasta cada vez mais da atitude cínica.

Parece-nos que a argumentação avultada por Foucault é que a *parresía* cínica vai constituir na face oculta da moeda, – em alusão a narrativa aludida a Diógenes de Sínope – a história do pensamento Ocidental. Ou seja, daquilo que os humanos escolheram para governar a Si mesmos e aos Outros algumas práticas foram eleitas e outras elididas. No entanto, isso não significa que a *parresía* foi eclipsada, trata-se, na verdade, de analisar uma noção que ao ser enunciada recebe significações com sentidos que desaparecem, reaparecem e, esporadicamente, permanecem, nas várias técnicas de Si. De resto, poderíamos afirmar, em síntese, que aquilo que permanece na noção de *parresía* é a coragem da verdade e é essa coragem para o exercício parresiástico que parece ser o marco distintivo dela para outros modos de dizer-a-verdade destacados por Michel Foucault.

Educação Física escolar: as práticas de ouvir/falar/fazer

Para caracterizar as aulas de Educação Física no contexto escolar e descrever os espaços para o dizer-a-verdade, apresentamos os antecedentes que marcaram a perspectiva culturalista da área⁶. Possivelmente, a obra de maior impacto na Educação Física escolar brasileira seja a “Metodologia de Ensino da Educação Física” de um Coletivo de Autores (1992). Essa obra, em suma, consolida a aproximação da Educação Física com as Ciências Sociais, a Filosofia e as Artes, mas, por outro lado, evidencia um afastamento da área biológica (Ciências Naturais), que já vinha ocorrendo desde a década de 1980 no ensejo intelectual que foi denominado como “movimento renovador” (DAOLIO, 2010). Em epítome, o Coletivo de Autores (1992) anuncia duas noções que são marcos dessa mudança de enfoque na área. O primeiro desses marcos é a cultura corporal depreendida como:

[...] o acervo de formas de representação do mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismo, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólica de realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.26).

Em outros termos, a Educação Física (cuja alcunha sucedeu a *gymnastica*),

⁶ Ver: Daolio (2010).

até certo momento histórico, dispunha como conteúdo pedagógico os métodos ginásticos, jogos populares, esgrima, tiro ao alvo etc. Da efervescência intelectual do “movimento renovador” (década de 1980) e da difusão dessas ideias na década de 1990, a Educação Física passou a abordar as práticas da cultura corporal (jogos, lutas, danças, ginásticas e esportes) como conteúdo pedagógico. Segundo Daolio (2010), esse olhar da Educação Física para a cultura alterou a perspectiva de área no Brasil.

E a segunda noção, aparentemente fundada nos estudos de Michel Foucault, foi a distinção entre saberes e práticas da “cultura corporal”. Em linhas gerais, a distinção da “cultura corporal” entre saberes e práticas implicou no âmbito da didática um olhar para os significados das práticas corporais, isto é, para os discursos sobre o saber-fazer dessas práticas. Em outros termos, a distinção em saberes e práticas evidenciou outra forma de apropriação dos conhecimentos tematizados nas aulas. Esse outro olhar, para além de saber-fazer sugere que os significados produzidos por certos grupos e culturas, em determinadas sociedades e tempos históricos tornaram-se “conteúdo” da Educação Física. Em síntese, a didática da Educação Física cada vez mais passou a atentar-se para os discursos sobre as práticas da “cultura corporal”.

Devido a isso, as aulas desse componente curricular que em algum momento foi vista como “exercício pelo exercício” ou “fazer pelo fazer”, passou a prescindir de momentos de dialogia, exposições, conversações, investigações etc. Aqui denominamos o conjunto desses momentos de aula de práticas de ouvir/falar/fazer que, por natureza, se diferencia das práticas de saber/fazer. Além disso, é preciso evidenciar que as práticas de ouvir/falar/fazer na Educação Física escolar estão de modo circunscrito aos espaços-tempos desse componente escolar.

Ainda que no imaginário escolar as aulas de Educação Física desfrutem de um olhar mais permissivo, de “liberdade” etc., de um ponto de vista institucional, a imagem que a caracteriza é da interdição, da proibição e da “repressão”. Portanto, as práticas de ouvir/falar/fazer são, deste modo, práticas circunscritas ao espaço-tempo das aulas de Educação Física. Entrementes, é nesses espaços e tempos que pode avultar as possibilidades de um exercício parresíástico ou, no mínimo, alguma

possibilidade de um dizer-a-verdade que se assemelhe a alguma das nuances da *parresía*.

Possibilidades do dizer-a-verdade nas aulas de Educação Física

A partir das reflexões acerca da *parresía* e do contexto da Educação Física escolar, apresentamos três práticas de ouvir/falar/fazer presentes nas aulas desse componente curricular. São eles: (i) rodas de conversa; (ii) exercícios corporais; (iii) jogos e brincadeiras.

Rodas de conversas

As fontes materiais para a análise empreendidas neste ensaio foram os planos de aula de dois professores de Educação Física. Ao analisar esses documentos notamos que uma das atividades mais constantes é roda de conversas. Essa atividade está baseada na conversação dos professores com os estudantes e costumam ser realizada ao início e término de cada aula, embora, também possa ocorrer no desenvolvimento de exercícios pedagógicos. Embora haja uma mediação semiótica na roda de conversas, a fala é o principal modo de interação, sobretudo, para apresentar, problematizar e discutir os saberes sobre as práticas da cultura corporal.

Inicialmente, podemos idear que a roda de conversas se trata de uma possibilidade para o falar franco. De fato, tanto da parte do professor quanto dos estudantes, o momento de roda de conversas pode representar uma possibilidade de dizer-a-verdade, dado que se trata de uma abertura potencial ao diálogo verdadeiro. Da parte do docente, podemos notar que tal momento se caracteriza muito mais pela fala-franca da *teknê*, da instrução ou do ensino. Nesses moldes, a própria finalidade da relação educativa, isto é, saber aquilo que o aluno sabe para conduzi-lo àquilo que não sabe, impede a atitude parresiástica cínica. Por outro lado, da parte dos estudantes, o dizer-a-verdade sobre si mesmo tende a centrar-se na confirmação daquilo que aprendeu sobre os saberes e as práticas da “cultura corporal”, a partir da fala franca do professor. Em síntese, é a partir dessa possibilidade de ouvir/falar dos estudantes e do “controle” institucional da fala/escuta dos professores que constitui a



roda de conversas é que analisamos a possibilidade de um dizer-a-verdade parresiástico.

Ante o exposto, as rodas de conversa indicam aproximações com uma *parresía* política na medida em que docentes e discentes têm o direito de “tomar a palavra” e dizer-a-verdade. No caso dos estudantes, o direito de dizer-a-verdade sobre si é uma concessão, um acordo, estabelecido pelo professor na própria dinâmica da roda de conversas. Por outro lado, analisando o direito à fala do docente na mesma situação, parece-nos que há escassas possibilidades para uma *parresía* cínica ora pela “coerção” do espaço-tempo escolar e compromisso com a utopia escolar (formação idealizada dos estudantes), ora pela dificuldade de construir com o grupo escolar, uma possibilidade uma relação parresiástica. Deste modo, o docente exerce, muitas vezes, o papel de sábio, de pedagogo, às vezes, inclusive, de profeta, dispondo de lisonja e retórica para cumprir seu papel pedagógico, ainda que, contraditoriamente, seu ideal como professor possa estar atrelado a uma ética de Si como cuidado com o gênero humano.

Exercícios corporais

Voltando às fontes, outra atividade que merece destaque são os momentos de ouvir/falar/fazer em situações de exercício corporal ou atividade de aula. Nas aulas de Educação Física essas situações estão centradas, geralmente, na execução das tarefas motrizes (equilíbrios corporais, manipulações de objetos e/ou deslocamentos pelo espaço) e, menos frequente, em atividades de escrita, desenhos etc. As práticas de ouvir/falar/fazer nessa situação consiste na intervenção do professor visando estabelecer uma conversa individual com o estudante. A finalidade dessa conversa tende a ser uma forma de explicitar os conteúdos de ensino ou orientações para executar a tarefa motriz de uma melhor forma. Nessa situação, há a possibilidade de uma fala-franca.

Tal qual na roda de conversas, nos exercícios corporais o dizer-a-verdade do professor ainda permanece na verdade da *teknê*. A ação docente (instrução) visando o exercício corporal é atravessada pela intenção de um cuidado de si do estudante a partir da fala do professor. Diante disso, ainda que o dizer-a-verdade da alma atrelado

ao cuidado de Si do Outro, não coincida com a *parresía* do Sócrates platônico, parecidos que a noção de cuidado seja um elemento coincidente entre a *parresía* socrática. Posto isso, os exercícios corporais – a fala franca discente e a execução das tarefas motoras (prática de ouvir/falar/fazer) –, se assemelham à *parresía* de Sócrates, pois tem como objetivo o cuidado de Si do Outro (estudantes de Educação Física).

Pelo viés dos estudantes, essas situações não contam com a fala franca, mas com um “fazer franco” ou “agir franco”. Essa noção consiste num dizer-a-verdade atrelada à motricidade (linguagem corporal), não à fala. Em vista disso, na linguagem do corpo há a possibilidade de uma veridicção parresiástica na medida em que o expressar-se corporalmente em relação ao outro na especificidade dessas situações representa um modo de dizer-a-verdade imbricado num risco de não expressar/comunicar e na incerteza de as tarefas motoras oferecer um risco de lesão corporal. Em síntese, o agir franco presente na motricidade expressa a verdade de Si diante do professor.

Jogos e brincadeiras: a possibilidade do lúdico

Ao enfatizar o fazer franco (agir franco) como componente das práticas de ouvir/falar/fazer nas aulas de Educação Física, uma nova perspectiva analítica emerge no diálogo com as fontes. Em outras palavras, ao retornar às fontes de informações deparamo-nos as atividades de jogo e brincadeira que no âmbito do componente curricular emerge ora como estratégia didático-pedagógica (atividade-meio) ora como conhecimento (atividade fim). De antemão é precípua diferenciar conceitualmente o que é jogo (atividade histórico-cultural), de brincadeira (atividade histórico-cultural própria das crianças) e de lúdico como expressividade autêntica, espírito e/ou engajamento do jogador/brincante. O lúdico, portanto, é descrito como um sentimento que pode ser expresso em distintas atividades como a leitura, o desenho, as tarefas motrizes etc. Em resumo, o lúdico está concatenado à espontaneidade (expressividade de Si) e é tão potente que é capaz de captar o jogador/brincante a qualquer momento (GRILLO, 2018).

Nos jogos e brincadeiras nas aulas de Educação Física, o lúdico é sempre uma possibilidade, nunca uma certeza. Dispondo de outra fonte, os saberes da



experiência, dado que o lúdico propende para a subjetividade, ideamos que o lúdico seja uma possibilidade do dizer-a-verdade parresiástico tanto no âmbito da fala quanto do agir franco. Em “estado lúdico” as normas e regras do cotidiano escolar ficam temporariamente suspensas, as regras de condutas são esquecidas e nesse estado de arrebatamento não há chance para a erística, retórica ou lisonja, só há espaço para a verdade de Si. Com efeito, pois é justamente a possibilidade de se expressar que permite o lúdico. Em vista do exposto, consideramos que o lúdico é um oásis de verdade no deserto da lisonja.

Em “estado lúdico”, oportunizado pelos jogos e brincadeiras ou outra prática de ouvir/falar/fazer, há uma possibilidade para o cuidado de Si. O “estado lúdico” nesse contexto é ideado como uma partilha e é nela que emerge a preocupação com o cuidado com o outro da parte do professor. Nesse estado de arrebatamento parece ser possível “suspender” a visão do controle panóptico da instituição escolar e o estudante expressar-se corporalmente sem medo ou sem necessidade da lisonja. É, em outros termos, a chance de uma *parresía* que pode se aproximar da *Epimeleia Heautou* (cuidado de Si), embora, a possibilidade de captura do sujeito pelo controle panóptico e a abrupta retirada do “estado lúdico” não seja reduzida, talvez seja até aumentada, dado que outros agentes da escola (inspetores, professores, etc.) podem reprovar a expressão da verdade dos estudantes em estado de arrebatamento.

É neste sentido que a manifestação do lúdico pode ser visto como cuidado de si a partir da relação com o outro. Em última instância, o “estado lúdico” emerge como uma possibilidade de *parresía* no espaço-tempo circunscrito das aulas de Educação Física. Entretanto, para engendrar este espaço de fala franca é preciso subverter a própria lógica panóptica e disciplinar das aulas de Educação Física. Isto é, para lograr a chance de uma homofonia da *parresía* com a *Epimeleia Heautou* na Educação Física escolar talvez seja preciso, em primeiro lugar, recriar os espaços de aula onde o lúdico seja possível e, posteriormente, engendrar as condições para o agir franco. Em resumo, é na constituição dessas condições pelos docentes que emerge a possibilidade de uma *parresía* próxima ao dizer-a-verdade de Sócrates, conforme Foucault.

Considerações

Não obstante à representação de uma disciplina escolar permissiva e “livre”, as aulas de Educação Física, de um ponto de vista institucional, são marcadas, sobretudo, pela interdição, proibição e “repressão”. Posto isso, este estudo foi orientado pela seguinte questão: Há espaços para o modo de veridicção da *parresía* depreendida como a “arte de si” aventada por Michel Foucault em “A coragem da verdade: o Governo de Si e dos Outros II”, no espaço-tempo das aulas de Educação Física escolar? Ao analisar três práticas de ouvir/falar/fazer nas aulas desse componente curricular, embasada numa determinada perspectiva culturalista de área, concluímos que não. Todavia, nuances da *parresía* – a *parresía* política como direito e “tomar a palavra” e exercer a fala franca, e a *parresía* socrática concebida como o dizer-a-verdade imbuído da relação de cuidado com o Outro – são possíveis.

No presente estudo, analisou-se três práticas comuns às aulas de Educação Física que visam superar o “saber-fazer” (embora não denegue a sua relevância) e alcançar o “saber sobre” e o “saber ser”. Ao analisar as rodas de conversas como prática de ouvir/falar e os exercícios corporais como práticas de ouvir/falar/fazer ideamos que o dizer-a-verdade está vinculado à *teknê* (ou “pedagogia”). Esse modo de veridicção está atrelada à instrução e ao ensino, todavia, nas relações estabelecidas destacamos a possibilidade da emergência da *parresía* política, levando em conta que os estudantes têm o direito de “tomar a palavra” e do falar franco ou, no caso, dos exercícios corporais, do agir franco. Na ação docente diante dos exercícios corporais, porém, pode emergir elementos da *parresía* socrática como cuidado de Si dos Outros, nesse caso, da parte do professor para os estudantes de Educação Física.

Quanto às atividades de jogos e brincadeiras no âmbito escolar em que o lúdico se evidencia como uma possibilidade, existe outra chance para o exercício parresiástico. A *parresía* como potência de quem adentra num “estado lúdico” (arrebato) arrola-se tanto ao falar quanto ao agir franco. Por sua vez, o falar e agir franco em “estado lúdico” vinculam-se à suspensão das regras, normas, condutas, retóricas e lisonjas e à expressão da verdade de Si dos estudantes. É no lúdico, portanto, que vislumbramos uma possibilidade de articulação da *parresía* com



a *Epimeleia Heautou* (ética do cuidado de Si). Nesse contexto, o professor é o agente responsável por engendrar os espaços e as condições para o lúdico como exercício de *parresía*. Essa concessão parece aproximá-lo da *parresía* socrática, por outro lado, no referencial do estudante adentrar no “estado lúdico” exige uma coragem da verdade, dado que a concessão do docente não reduz o controle panóptico exercido pelos agentes institucionais da escola.

De resto, avultamos com este ensaio a partir de obra foucaultiana uma chance para vislumbrar uma Educação Física outra. Não aquela dos exercícios somente, mas uma que olhe para os sujeitos; seus saberes, práticas e conhecimentos, e; suas ações e condutas. Em suma, se é no enunciar da verdade de Si imbricado na relação com o Outro que existe a possibilidade de sermos melhores e de engendrarmos uma educação e Educação Física melhor, é nessa “heterotopia” que vamos nos agarrar.

Referências

CASTRO, E. **Introdução a Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **Educação física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2010.

GRILLO, R. M. **Mediação semiótica e jogo na perspectiva histórico-cultural em educação física escola**. 2018. 355f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade: o governo de si e de outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011.

RAGO, M.; VEIGA-NETO, A. **Figuras de Foucault**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.